

# **“NÃO TENHA MEDO, VERMEZINHO JACÓ, BICHINHO ISRAEL” (Is 41,14)**

*Shigeyuki Nakanose*

## **Resumo**

*A mensagem do Segundo Isaías (40–50) tem como objetivo suscitar a fé e a esperança nas pessoas que se encontram no exílio da Babilônia. A partir da situação de opressão, o grupo profético faz releituras da “Criação” e do “Êxodo”, e apresenta uma nova liderança – a do “Servo” – e um projeto, baseado na partilha e na solidariedade. Esse grupo ainda destaca a presença de Javé, Deus único e poderoso, que apascenta e conduz, como pastor de ternura, seu povo no caminho da libertação.*

**Palavras-chave:** *Exilados. Opressão, Resistência. Servo. Deus de ternura.*

## **Abstract**

*The message of Second Isaiah (40–50) aims to arouse faith and hope in the people who are in exile in Babylon. From the situation of oppression, the prophetic group makes readings of “Creation” and “Exodus”, and presents a new leadership – the “Servant” – and a project based on sharing and solidarity. This group also highlights the presence of Yahweh, unique and powerful God who feeds and leads, as pastor of tenderness, his people on the path of liberation.*

**Keywords:** *Exiles. Oppression. Resistance. Servant. God of tenderness.*

*Qual o significado da sua luta pela justiça na prática histórica da libertação dos pobres? Qual, então, o sentido da opção pelos pobres na tarefa evangelizadora? Em que sentido a evangelização dos pobres é sinal da vinda do Reino de Deus em Jesus Cristo?<sup>1</sup>*

1. GORGULHO, Gilberto S.; ANDERSON, Ana Flora. *A justiça dos pobres: Mateus*. São Paulo: Edições Paulinas, 1981, p. 5.

A evangelização dos pobres foi um dos pilares do discurso exegético e pastoral do Frei Gorgulho, nosso saudoso Mestre. Ele foi um dos organizadores do primeiro curso de mestrado sobre a Bíblia, na Faculdade Nossa Senhora Assunção, do qual participei e de quem tive o privilégio de receber a orientação em minha dissertação de Mestrado.

Quase trinta anos já se passaram da conclusão do curso. Porém, a espiritualidade do Frei Gorgulho com a opção pelos pobres continua presente na mente e no coração de seus alunos. Minha pergunta insistente ao Frei Gorgulho durante o curso também continua: “Como passar o estudo acadêmico para o povo?”, preocupação que norteia a minha caminhada bíblica.

Um dos textos bíblicos que descreve o pobre como o sujeito da história e sua libertação é o livro do Segundo Isaías (Is 40–55). O livro surgiu no final do exílio na Babilônia, por volta de 540 aC, entre os levitas que exerciam funções secundárias no Templo (cf. 2Rs 23,8-9) e foram exilados na segunda deportação (587 aC; cf. 2Rs 25,8-12). Para dialogar com a comunidade do Segundo Isaías em vista da pastoral bíblica de hoje é, primeiramente, necessário conhecer o contexto histórico em que o Segundo Isaías foi escrito.

### **1. Pobres despojados, saqueados e levados como despojo (Is 42,22)**

“Este povo foi despojado e saqueado; todos eles estão presos em caravanas, estão retidos em calabouços. Foram submetidos ao saque e não há quem os liberte; foram levados como despojo e não há quem reclame a sua devolução” (Is 42,22).

Em 589 aC, Sedecias rebelou-se contra a Babilônia. Nabucodonosor sitiou Jerusalém e, um ano e meio depois, entrou na cidade. Dessa vez, a ação militar do império foi violenta em comparação com a primeira conquista de Jerusalém, em 597 aC. Foi uma catástrofe: a cidade é destruída e o templo saqueado, profanado e incendiado. Nabucodonosor não teve nenhuma compaixão com as autoridades e com os habitantes de Jerusalém. A família real e seus partidários notáveis foram aniquilados. O grupo de funcionários públicos do templo, trabalhadores civis, pequenos comerciantes, artesãos e agricultores foram levados como prisioneiros para o exílio (2Rs 25,11-12). Foi a segunda deportação.

O grupo não teve a mesma sorte dos primeiros deportados: foi tratado como escravos e despojo de guerra. A Babilônia “não teve compaixão para com ele: até sobre os velhos impus o duro peso” (Is 47,6). “Os pobres e os indigentes buscam água, e nada! Sua língua está seca de sede” (Is 41,17). Os deportados estavam cansados e enfraquecidos sem esperança no futuro (Is 40,29). Levam uma vida de prisioneiros como semiescravos!

Especialmente, após a morte de Nabucodonosor, a situação dos deportados escravos se agravou por causa do rápido declínio do império, provocado, sobretudo, pela instabilidade interna, as guerras constantes e, principalmente, as incursões de seus inimigos. Em apenas sete anos, três monarcas sucederam a Nabucodonosor, por meio de intrigas e violências: Avil-Marduk (562-560 aC); Nerglissar (560-556 aC); Labashimarduk (556 aC). O último foi assassinado depois de apenas dois meses pelo último monarca Nabônides. A extrema instabilidade do Império certamente afetou a vida dos exilados.

Por fim, Nabônides (556-539 aC), soberano polêmico, agravou e levou o império ao seu fim. Ele, filho de uma sacerdotisa de Harã, um centro importante do culto à deusa Sin, simbolizada pela Lua, promoveu e tentou elevá-lo à suprema posição no panteão da Babilônia. Reconstruiu, por exemplo, o templo da divindade Sin, em Harã, destruído depois de 610 aC, reviveu os seus ritos abandonados, e tentou introduzir os deuses dos santuários locais nos templos de Marduc, simbolizado pelo sol.

Tal atitude gerou descontentamento dos sacerdotes do deus Marduc, que tinham forte poder e influência econômica e espiritual, como o controle sobre o templo Esagil da Babilônia consagrado a Marduc. Foi uma revolta generalizada dos sacerdotes de Marduc, seus adoradores e beneficiários. O poder político e econômico estaria em jogo!

Para agravar a situação, Nabônides deixou a Babilônia após as campanhas na Síria e se estabeleceu no oásis de Teima, no deserto da Arábia, onde ficou por dez anos. Estabeleceu vários postos militares nas cidades – oásis na Arábia. É provável que ele tenha percebido a necessidade de assegurar a rota comercial diante do avanço do império persa.

Todavia, a ausência de Nabônides no governo da Babilônia agravou mais ainda a crise do império. Seu príncipe herdeiro Belshazar não estava apto a governar o império, nem habilitado a celebrar a festa de Ano Novo na qual o rei renovava todo ano a sua realeza diante da estátua de Marduc, no maior templo de Esagil. Os poderosos sacerdotes de Marduc se revoltaram e entraram em conflito direto com o palácio.

A crise do governo logo se refletiu na economia. Com as guerras constantes e as grandes construções, a economia do império já estava comprometida. A crise da governabilidade fez os preços subirem muito: 50% entre os anos 560 e 550 aC. Nos anos seguintes o custo de vida se tornou pior, chegando a subir 200%. O comércio externo estava quase paralisado por causa da perda da rota comercial.

A principal vítima dessa crise foi a população pobre, sobretudo os prisioneiros de guerra, que trabalhavam como mão de obra escrava na agricultura e em obras públicas ou estavam confinados na prisão (Is 42,7). No meio desses prisioneiros estavam os judeus da segunda deportação, como “a cana rachada” (Is 42,3), “os que habitavam trevas” (Is 42,7).

Por volta de 550 aC, Ciro, imperador de Pérsia, avança e se torna a principal ameaça para a Babilônia. É muito provável que uma boa parte dos babilônios tenha demonstrado a maior consideração a Ciro como libertador. Não é por acaso que, depois da entrada na Babilônia, ele é apresentado como “eleito de Marduc” ou “enviado de Sin”.

É nessas circunstâncias que o livro do Segundo Isaías (Is 40–55), nascido no meio dos exilados da segunda deportação, descreve um grande entusiasmo com a possibilidade de o império babilônico ser derrotado e o exílio chegar ao fim por meio de Ciro, a ponto de esse grupo anunciar: “Assim diz Javé ao seu ungido, a Ciro que tomei pela destra, a fim de subjugar a ele nações e desarmar reis, a fim de abrir portas diante dele, a fim de que os portões não sejam fechados” (Is 45,1). Ciro é chamado de justiceiro, pastor, ungido e águia (cf. Is 41,2; 44,28; 46,11). É o sinal de esperança!

É a esperança para os deportados prisioneiros cansados, enfraquecidos e sem esperança (Is 40,29; 42,3). Escravizados, espoliados, saqueados e perseguidos (cf. Is 42,7.22; 47,6; 50,6), pobres e indigentes, necessitados de tudo, também da água (cf. Is 41,17; 43,20; 44,12; 49,10; 55,1). Um grupo desprezado e rejeitado socialmente (cf. Is 53,3). E alguns ainda carregavam o peso da religião, pois acreditavam que o exílio era castigo de Deus pelo pecado. “Ela recebeu da mão de Javé paga dobrada por todos os seus pecados” (Is 40,2), diz o livro do Segundo Isaías.

## **2. Eu, Javé, te chamei para o serviço da justiça (Is 42,6)**

O livro do Segundo Isaías pode ter nascido entre os sacerdotes levitas, exilados na segunda deportação. Os levitas são os pregadores itinerantes e os sacerdotes do interior de Israel, como o profeta Oseias. Trabalham com o culto e a organização de aldeias comunitárias, procurando manter as leis de justiça e de solidariedade para com os camponeses mais pobres.

Na reforma do rei Josias (620-609 aC), os levitas são trazidos à força para Jerusalém. Aqueles que não aceitam são perseguidos – e alguns são mortos (2Rs 23,8.20). Em Jerusalém, os levitas não podem “subir ao altar de Javé” (2Rs 23,9) e são considerados segunda categoria, trabalhando como cantores do templo. Na segunda deportação de 587 aC, muitos levitas são levados para a Babilônia, enquanto outros ficam nos arredores da cidade de Jerusalém ou no interior de Judá.

Na Babilônia, enquanto o grupo de Ezequiel (Ez 1,1-3), sacerdote oficial de Jerusalém, procura manter o interesse, a unidade, a identidade dos notáveis da primeira deportação, os levitas representam a voz dos exilados escravizados. Por isso, diferente da posição do livro de Ezequiel, o livro de Segundo Isaías apresenta vários oráculos contra a Babilônia:

“Desce e assenta-te no pó, virgem, filha da Babilônia, senta-te no chão – já não tens trono –, filha dos caldeus, porque nunca mais te chamarão meiga e delicada. Toma a mó e mói a farinha; tira o teu véu, ergue a cauda da tua veste e descobre as tuas pernas, atravessa os rios. Apareça a tua nudez, seja vista a tua vergonha; eu tomo vingança de ti: ninguém se oporá a isto” (Is 47,1-3).

O Salmo 137, possivelmente escrito pelos levitas exilados, é muito mais forte, no quadro da crítica contra os babilônicos, que oprimem e ridicularizam os explorados:

‘À beira dos canais de Babilônia nos sentamos, e choramos com saudades de Sião; nos salgueiros que ali estavam penduramos nossas harpas. Lá, os que nos exilaram pediam canções, nossos raptos queriam alegria: “Cantai-nos um canto de Sião!”... Ó devastadora filha de Babel, feliz quem devolver a ti o mal que nos fizeste! Feliz quem agarrar e esmagar teus nenês contra a rocha’ (Sl 137,1-3.8-9).

Os levitas intentam e rezam a Javé que destrua as sementes, “os nenês”, do imperialismo “Babel” com o seu poder divino, a “rocha” (Sl 42,10; 71,3; Is 44,8). É interessante observar que, nos dois cânticos, a força de Javé é o motor principal de resistência contra o Império na terra de Marduc. E a faceta de Javé se torna expressão de repúdio contra o império, o ponto de negação do panteão de deuses de Marduc:

*Urash é Marduk da plantação*  
*Lugalida é Marduk do abismo*  
*Ninurta é Marduk da picareta*  
*Nergal é Marduk da batalha*  
*Zabala é Marduc da guerra*  
*Enlil é Marduc do senhorio e da consulta*  
*Nabu é Marduc da contabilidade*  
*Sin é Marduc que ilumina a noite*  
*Shamash é Marduc da justiça*  
*Adad é Marduc da chuva*  
*Tishpak é Marduc das tropas<sup>2</sup>.*

Na Babilônia, a religião é estruturada no panteão onde Marduc, divindade suprema, subjuga os deuses de diversas cidades com seus santuários, como no campo político no qual a capital do reino subjuga e explora as cidades e os campos. O panteão, assim, é espelho e legitimação religiosa da estratificação socioeconômica do Império! Agora para criticar e repudiar o Império, o grupo do

2. CT XXIV 50, em: Mário LIVERANI. *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003, p. 256.

Segundo Isaías anula a teologia babilônica do politeísmo, e apresenta a religião monoteísta de Javé:

“Eu sou Javé, e não há nenhum outro, fora de mim não há Deus. Embora não me conheças, eu te cinjo, a fim de que se saiba desde o nascente do sol até o poente que, fora de mim, não há ninguém: Eu sou Javé e não há nenhum outro! Eu formo a luz e crio as trevas, asseguro o bem-estar e crio a desgraça: sim eu, Javé, faço tudo isso” (Is 45,5-7).

O texto é sem dúvida uma das primeiras afirmações do monoteísmo universal de Javé, na história de Israel: “Antes de mim nenhum Deus foi formado e depois de mim não haverá nenhum” (Is 43,10). Uma reviravolta teológica! No final do período da monarquia, Ezequias e Josias tentaram excluir outros deuses fora de Javé (Dt 13,2-19), mas não chegaram a pregar a teologia monoteísta. Javé foi por muito tempo uma divindade entre muitas.

Todavia, no meio (na crise política e religiosa) dos deportados sofridos na Babilônia, surge a religião monoteísta como força alternativa de superação e oposição à religião do império. Ao insistir no poder de Javé, o único deus, os prisioneiros judeus repudiam e anulam a religião politeísta de Marduc, vanguarda do império babilônico. Abrem-se, assim, com o Segundo Isaías e depois em particular com o Terceiro Isaías, as perspectivas da saída do exílio e a reconstrução de Israel com o espírito dos levitas:

- a) Novo êxodo: “Assim diz Javé, aquele que abre um caminho pelo mar, uma vereda por meio das águas impetuosas, que conduziu para a luta carros e cavalos, um exército de homens de valor, todos unidos. Ei-los prostrados, para não tornarem a levantar-se; extinguiram-se, foram apagados como mecha. Não fiques a lembrar coisas passadas, não vos preocupeis com acontecimentos antigos. Eis que farei uma coisa nova, ela já vem despontando: não a percebeis? Com efeito, estabelecerei um caminho no deserto, e rios em lugares ermos” (Is 43,16-19). O grupo do Segundo Isaías faz uma releitura do êxodo e anuncia a libertação da escravidão da Babilônia. O próprio Javé caminhará à frente do seu povo sofrido e enfraquecido (Is 52,12), que sairá na paz e na alegria (Is 55,12).
- b) Deus de ternura: “Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ela do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem, eu não me esquecerei de ti. Eis que te gravei nas palmas da minha mão” (Is 49,15-16). Em contraste com Marduc, deus violento e sanguinário, Javé é apresentado como deus solidário (Is 40,1.29; 41,10; 43,5; 51,12), compassivo (Is 49,13; 52,9), próximo (Is 43,1.7; 45,3-4; 49,1). Ele é pastor que apascenta e conduz seu povo: “Como o pastor ele apascenta seu rebanho, com o braço reúne os cordeiros, carrega-os no regaço, conduz carinhosamente as ovelhas que amamentam” (Is 40,11); “Não terão fome nem sede, a canícula e o sol não

os molestarão, porque aquele que se compadece deles os guiará, conduzi-los-á aos mananciais” (Is 49,10).

- c) Nova liderança: “Eu, Javé, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei, eu te constituí como aliança do povo, como luz das nações, a fim de abrires os olhos dos cegos, a fim de soltares do cárcere os presos, e da prisão os que habitam nas trevas” (Is 42,6-7). O grupo do Segundo Isaías lança um olhar sobre a história e constata que há muitos anos o povo vem sendo oprimido pela tirania dos grandes impérios e explorado pelos próprios governantes da monarquia. A partir de sua memória das aldeias comunitárias e também de sua experiência da sobrevivência comunitária dos exilados escravos, o grupo projeta uma nova liderança – “Servo” –, com as características diferentes dos tiranos e dos reis injustos: liderança baseada no amor, na ternura, na gratuidade, na não violência; na justiça, na solidariedade e, sobretudo, no maior cuidado com os sofridos (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-11).
- d) Nova Aliança: “Ah! Todos que tendes sede, vinde à água. Vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; comprai, sem dinheiro e sem pagar, vinho e leite. Por que gastais dinheiro com aquilo que não é pão, e o produto do vosso trabalho com aquilo que não pode satisfazer? Ouvi-me com toda atenção e comei o que é bom; deleitar-vos-ei com manjares revigorantes. Escutai-me e vinde a mim, ouvi-me e vivereis. Farei convosco uma aliança eterna, assegurando-vos as graças prometidas a Davi” (Is 55,1-3). A aliança agora não será mais entre Deus e o rei da casa davídica, mas com toda a comunidade. O sonho do grupo é restabelecer uma sociedade onde reina o projeto da partilha e solidariedade.
- e) Nova Jerusalém: “Ó aflita, batida de tempestades, desconsolada, certamente revestirei de carbúnculo as tuas pedras, estabalecerei teus alicerces sobre a safira. Farei de rubi tuas ameias e de berilo tuas portas, de pedras preciosas todas as tuas muralhas. Todos os teus filhos serão discípulos de Javé; grande será a paz dos teus filhos. Serás edificada sobre a justiça; livre da opressão, nada terás a temer; estarás livre do terror; com efeito, ele não te atingirá” (Is 54,11-14). A reconstrução de Jerusalém é um dos principais temas dos levitas que trabalharam no templo, desde a reforma de Josias. Porém, a nova Jerusalém será reconstruída na justiça, na solidariedade e na paz: “Gotejai, ó Céus, lá do alto, derramem as nuvens a justiça, abra-se a terra e produza a salvação, ao mesmo tempo faça a terra brotar a justiça” (Is 45,8).

O livro do Segundo Isaías termina com a procissão da volta: “Saireis com alegria e em paz sereis reconduzidos. Na vossa presença, montes e outeiros romperão em canto, e todas as árvores do campo baterão palmas” (Is 55,12). A na-

tureza se transformará: em vez de espinhos e urtigas, ciprestes e murta, árvores que dão sombra (Is 55,13a). O novo Êxodo, da Babilônia para Jerusalém, é conduzido com penhor da proteção de Javé, na liderança do “Servo”:

‘Assim diz Javé: No tempo do meu favor te respondi, no dia da salvação te socorri. Modelei-te e te pus por aliança do povo a fim de restaurar a terra, a fim de redistribuir as propriedades devastadas, a fim de dizer aos cativos: “Saí”, aos que estão nas trevas: “Aparecei.” Eles apascentarão junto aos caminhos, sobre todos os montes escavados encontrarão pastagem’ (Is 49,8-9).

Enfim, o ponto de vista da reconstrução do país, o grupo do Segundo Isaías se assemelha muito ao projeto dos “pobres da terra” no livro de Jeremias: Deus no meio do povo; os pobres sofridos; a sociedade de justiça e solidariedade; a retribuição da terra (Jr 40,11-12). Por certo, os grupos populares se opõem ao projeto oficial de Ezequiel, elite exilada: a monarquia davídica; deus poderoso e castigador; a lei do puro e do impuro; o templo centralizador (Ez 37,21-28).

Em meio à crise generalizada do exílio, os grupos populares ajudaram o povo a sobreviver, criando os novos modos de pensar, proclamar, executar e sonhar por uma sociedade onde todas as pessoas tenham condições dignas de vida. É a semente do projeto das aldeias comunitárias.

Após o exílio, porém, a esperança pelo novo êxodo, como o sonho do grupo do Segundo Isaías, será pisoteada pela dominação do Império Persa. A história se repete, como no tempo da monarquia (Mq 3,9-11)! Ciro, que é chamado de “salvador” e recebe o título de “ungido de Javé”, espalhará a semente do imperialismo: o Império Persa e seus súditos, como os grupos descritos nos livros de Neemias e de Esdras com sua teologia oficial, exploram e oprimem o povo: “O órfão é arrancado do seio materno e a criança do pobre é penhorada. Da cidade sobem os gemidos dos moribundos e, suspirando, os feridos pedem socorro e Deus não ouve sua súplica” (Jó 24,9.12). A teologia oficial de Javé e sua lei do puro e do impuro perpassam na história e chegam ao Sinédrio do tempo de Jesus e até as instituições religiosas de hoje.

Mas é preciso dizer também que os tiranos não conseguem aniquilar os movimentos de resistência:

“Como a chuva e a neve descem do céu e para lá não voltam sem terem regado a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, dando semente ao semeador e pão ao que come, tal ocorre com a palavra que sai da minha boca: ela não volta a mim sem efeito; sem ter cumprido o que eu quis e realizado o objetivo de sua missão” (Is 55,10-11).

A Palavra de Deus tem a força de gerar vida (Is 40,8). O sonho do Segundo Isaías e de outros tem, sem dúvida, “feito” no meio do povo e em sua história. As palavras de resistência e encorajamento, que devem ter nascido no coração dos

exilados escravos, criaram raízes. Na história pós-exílica surgem os vários movimentos de resistência contra a sucessiva opressão dos impérios persas, gregos e romanos. O texto bíblico testemunha o movimento sapiencial, o apocalíptico, o profético, o de Jesus de Nazaré, “Servo”... É preciso dizer que deveremos estar sempre dispostos a renovar nossa aliança com o Deus da vida, ajudando o povo a se reunir, se organizar e caminhar juntos em rumo ao novo êxodo. Que essa certeza possa animar a nossa vida!

### 3. Uma palavra final

Há alguns anos, visitei o Frei Gorgulho no hospital Santa Catarina, SP. Na ocasião, estava presente Ana Flora, nossa mestra e companheira fiel do Frei na leitura comunitária da Bíblia. Entre vários assuntos na conversa, Frei Gorgulho insistiu: “Shige, junta sua turma de mestrado para conversar e comer juntos”. Foi a sua última instrução.

No curso de mestrado, experimentei e aprendi a importância da leitura comunitária: cada participante coloca sua experiência de vida no diálogo com as pessoas que estão por trás do texto bíblico. Com os variados temperos, a hermenêutica do texto se transforma num prato bom!

Ao Frei Gorgulho, nossa eterna gratidão!

### Bibliografia

BLINKINSOPP, Joseph. “The ‘Servants of the Lord’ in Third Isaiah: Profile of a Pietistic Group in the Persian Epoch”. In: *“The place is too small for us”: the Israelite prophets in recent scholarship*, edited by Robert P. Gordon (Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 1995), 392-412.

GORGULHO, Frei Gilberto e ADERSON, Ana Flora. *A justiça dos pobres: Evangelho de Mateus*. São Paulo: Paulus, 1981.

LIPSCHITS, Oded. *The fall and rise of Jerusalem: Judah under Babylonia rule*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2005.

LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: história antiga de Israel*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2008.

MARQUES, Maria Antônia e NAKANOSE, Shigeyuki. As introduções e notas do livro de Isaías. In: *Nova Bíblia Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2014.

NAKANOSE, Shigeyuki. As introdução e notas do livro de Jeremias. In: *Nova Bíblia Pastoral*. São Paulo: Paulus. 2014.